

## 1.2 A Primeira Fonte dos Descobrimentos: A Antologia da Novidade

A tradução de várias obras portuguesas e espanholas, na Alemanha, iria despoletar decisivamente a difusão de uma grande quantidade de informações, permitindo que, também neste país, se pudesse estabelecer um adequado contacto com a realidade descoberta além-mar. Vistos na sua função de repórter da novidade, os textos ibéricos eram tidos em grande consideração na Europa, neste caso na Alemanha, que os iria requerer penhoradamente na busca de material sobre os novos acontecimentos históricos. A leitura de obras, onde se anotam as primeiras impressões ao longo do Atlântico e se informa sobre o fascinante Oriente e a curiosa América, requeria-se indispensável. Ao traduzirem os textos, os autores alemães estavam conscientes da importância cultural e científica deste seu gesto: darem a muitos leitores a possibilidade de *verem* as novas realidades físicas e humanas.

Na verdade, estes escritos, particularmente, as relações de viagens, surgiam cada vez mais como inestimáveis fontes da empresa marítima. Assim, e para que se efectuasse uma divulgação efectiva realizar-se-iam várias publicações com o objectivo de dar a conhecer, se possível, na íntegra e, em primeira mão, estes eventos históricos. O vivo interesse suscitado por estas obras reflecte-se na frequência das edições alemãs, que apesar de algum distanciamento entre a publicação original e a tradução, se publicam dentro de um prazo relativamente curto e em várias edições.

Um dos principais motivos para a publicação destes textos era, segundo os seus autores e editores, a necessidade de transmitir rapidamente as novas sob o mundo e a humanidade. Os autores salientam precisamente a vontade de divulgar obras de grande riqueza informativa e documental que se deveriam publicar quanto antes dado que revelam as "coisas maravilhosas e até agora nunca vistas", principalmente "ilhas maravilhosas, bonitas e divertidas com gente nua e negra, com maneiras e usos estranhos e nunca vistos".<sup>1</sup>

A divulgação de informações manifesta-se urgente, visto que estas aventam novas *verdades*, verdades estas que curiosamente apresentavam duas facetas: por um lado são insólitas notícias de gentes que não se sabe

---

1. "[...] wunderbarliche vnd byshere vnerhörte dinge [...] wunderbarliche schöne vnd lustige inseln/ mit nackenden schwarzen lewten seltzamer vnd unerhörten sitten und weyse" *Newe Unbekante landte...*, Nuremberga, 1508, prólogo.

se se podem chamar de gentes ou não, por outro lado o relato de homens que tinham visto essas terras e gentes com os seus próprios olhos. De facto, a novidade expressa nestes textos apresentava-se simultaneamente como algo de maravilhoso e de estranho, extraordinário e desconhecido. Inesperadamente os navios afloram terras e ilhas maravilhosas agora povoadas por povos de costumes insólitos e bem diferentes dos conhecidos. Esta dualidade de algo extraordinário e, ao mesmo tempo, estranho e diferente, dado que desconhecido, vai atrair a admiração e o interesse de muitos letrados. Apresentar as novas verdades constitui, pois, a preocupação primária do tradutor ou do editor.

Além disso, os editores entendem ainda ser da sua responsabilidade publicarem obras, como as relações de viagens, capazes de contribuir para uma certa rectificação ou complementarização de conceituados traços da configuração do espaço geográfico terrestre. Na verdade, as viagens marítimas forneciam novos conteúdos no que respeita ao horizonte já conhecido, definindo outros debuxos provenientes da experiência empírica. Os autores-viajantes tinham visto com os seus próprios olhos o que transmitem nas obras e, daí que nos títulos e prólogos das traduções se sublinhe a confiança completa na veracidade dos testemunhos formulados. Os editores e tradutores tecem, por isso, nas suas introduções elogiosas considerações às "navegações", mencionando, em especial, o enorme significado que representam para a humanidade os progressos alcançados pelos portugueses nas suas viagens por mares desconhecidos e ao longo de margens costeiras nunca anteriormente visitadas; na sua opinião, estas suas viagens viriam a permitir o relacionamento e as trocas com outros povos, de forma a que todo o mundo se visse como num espelho. O avanço pelo Atlântico possibilitara, a seu ver, um diálogo civilizacional entre as várias partes do mundo, facto que não passaria despercebido pelo que os autores alemães exprimem acesos e rasgados louvores à arte de navegar, referenciando com apreço as árduas iniciativas de portugueses e espanhóis.

Olhar e compreender o mundo nesta sua nova dimensão torna-se o lema dos letrados coevos. Já no dealbar do século XVI, o humanista alemão Simon Grynaeus apontava a necessidade de conhecer todos os povos do mundo, frisando que o conhecimento de outros povos, outros costumes e credos seria, a seu ver, mais proveitoso do que a leitura de "muitos outros livros que nos nossos tempos se teriam escrito sobre a fé".<sup>2</sup>

---

2. "[...] viel andern Büchern die zu unsern Zeitten von dem Glauben geschrieben wurden". Simon Grynaeus, *Die New Welt...*, Estrasburgo, 1534, prólogo.

A recepção da cultura dos Descobrimentos demora, no entanto, algum tempo, decorrendo em várias etapas representativas do ambiente cultural germânico. Inicialmente importa reunir um vasto caudal de dados capazes de formular uma primeira visão de conjunto dos acontecimentos. Compilando, lado a lado, os textos mais significativos das viagens de Descobrimentos, poder-se-ia delinear uma visão geral do encontro com a novidade elaborando-se, o que poderemos chamar, a primeira antologia das viagens marítimas.

A descoberta de novos mundos, inicialmente propagada por nautas, mercadores, livreiros e eruditos em pequenos textos informativos, viria a ser coligida numa publicação exemplar. Tendo em mente apreender o desenrolar do percurso histórico organiza-se uma visão de conjunto das diferentes etapas de expansão no mundo ultramarino. Em 1508 vinha, pois, a lume em Nuremberga a *Neue unbekandte...*, versão alemã de um título publicado no ano anterior na Itália: os *Paesi novamente ritrovati*.<sup>3</sup> Tal como Jobst Ruchamer, o tradutor, afirma no seu prólogo é a novidade das informações que o leva a verter rapidamente este livro para o alemão na ânsia de que outros leitores possam conhecer este mundo novo. O facto de se tratar de realidades completamente ignoradas, como a existência de ilhas habitadas de homens, afinal, adamas surge como algo de extraordinário e estonteante, até então considerado impossível. Daí que informações como esta venham a significar, por um lado, a introdução de dados contrários aos defendidos pelos autores da Antiguidade Clássica,<sup>4</sup> logo em contradição com eles, por outro lado, venham a inaugurar uma nova ordem do saber. Os novos dados ao formularem que a terra a sul da linha equatorial seria habitada - teoria refutada pelos autores da Antiguidade Clássica -, geravam, indubitavelmente uma confrontação com os quadros do saber herdado e encorajavam ao conhecimento do mundo na sua dimensão universal. As viagens dos Descobrimentos avivam a confiança no ser humano que não hesita em avançar por mares e terras ignotas, contribuindo para a criação de um mundo novo.

Esta obra em seis livros apresenta nos dois primeiros a relação de Luís de Cadamosto sobre a sua viagem ao longo da costa ocidental africana até ao Senegal e Cabo Verde, de onde seguiria, até ao rio Gâmbia, então acom-

---

3. Fracanzio da Montalboddo, *Paesi novamente ritrovati...*, Vicenza, 1507.

4. Sobre os conhecimentos relativos ao continente africano antes do descobrimentos portugueses, veja-se Michael Herkenhorff, *Der dunkle Kontinent. Das Afrikabild im Mittelalter bis zum 12. Jahrhundert*, Pfaffenweiler, 1990; Luís de Albuquerque, *Introdução à História dos Descobrimentos Portugueses*, 3ª edição revista, Lisboa, s.d., em especial, pp. 105-179.

panhado pelo genovês Antoniotto Usidomare. No texto de Luís de Cadamosto teremos o ensejo de conhecer a primeira descrição referente a estas regiões da costa africana, bem como o diálogo estabelecido entre os viajantes e os povos costeiros, sendo por certo esta a razão da sua inclusão nesta obra. Aqui encontraremos ainda os textos referentes às expedições de Pedro Álvares Cabral, Américo Vespúcio e Cristovão Colombo, como também cartas escritas, em grande parte, durante a viagem de Pedro Álvares Cabral, entre estas, uma epístola do rei português ao sumo pontífice, onde se afloram questões relacionadas com o comércio das especiarias. Por fim, esta edição acrescenta uma tabela relativa à origem e ao preço de cada um dos produtos orientais, distanciando-se curiosa e significativamente do texto original.

A composição desta obra, ao desenhar a costa ocidental africana, reconstruir a imagem da Índia e traçar o perfil de um novo continente segundo descrições de viajantes que viram e descreveram os locais visitados, constituiria um documento ímpar para o conhecimento das novas regiões e gentes, isto é, para a definição do encontro com a novidade.

Esta antologia, vinda a lume em várias edições, permaneceria uma composição única, a que se adicionariam alguns dados mais recentes. É o caso da edição de 1532/1534,<sup>5</sup> em que a antologia será a grande parte do corpus documental. Simon Grynaeus, o seu autor,<sup>6</sup> com vista a apresentar o mundo na sua totalidade, reedita esta antologia, a que irá compilar interessantemente textos concernentes ao mundo já conhecido. Um conhecimento global do orbe terráqueo tornava necessária uma recolha não só das novidades reveladas pelas viagens dos descobrimentos, mas também dos fundamentos do mundo já existentes ou redefinidos, mas até há pouco desconhecidos. Esta sua publicação compõe-se, por isso, de duas partes distintas, mas perfeitamente complementares. Isto é, com as viagens por mar e por terra, o globo adquire uma nova dimensão e, conseqüentemente, uma outra configuração. O mundo tal como era conhecido e o mundo recém-descoberto reformulam-se. No vivo desejo de transmitir informações referentes às diversas regiões do mundo, Simon

---

5. Simon Grynaeus, *Novus Orbis...*, Basileia, 1532. Tradução em língua alemã de Michael Herr, *Die New Welt...*, Estrasburgo, 1534.

6. Simon Grynaeus em primeira linha um teólogo, leccionou as cátedras de teologia e de grego na Universidade de Heidelberg e, mais tarde, na de Basileia. Foi um profundo conhecedor dos autores clássicos, tendo editado obras de Aristóteles, Platão, Euclides, Ptolomeu, Plutarco, Aristofanes, Tito Lívio, entre outros. Além disso, S. Grynaeus foi um dos teólogos protestantes mais activos durante a Reforma. O seu discurso de humanista e de reformador são as duas vias de uma mesma atitude existencial.

Grynaeus<sup>7</sup> compila esta obra que viria a público com uma carta-mundi da autoria de Sebastian Münster - também uma iniciativa de caracterizar, aqui visualmente, o espaço terrestre.

Simon Grynaeus reúne na sua colecção, o texto de Luís de Cadamosto, bem como os também já traduzidos por Jobst Ruchamer, escritos de Cristovão Colombo, de Américo Vespúcio *Mundus Novus* e as relações sobre a Índia, a que agora junta Ludovico Varthema,<sup>8</sup> Marco Polo, Petrus Martyres e outros relatos sobre os "povos poderosos do mundo antigo conhecido".<sup>9</sup> O autor edita ainda uma carta de D. Manuel I ao pontífice Leão, em que o soberano português lhe comunica os feitos dos portugueses na Índia.<sup>10</sup> Tendo em consideração a diversidade regional, Simon Grynaeus atenta recolher a imagem global, no intuito de construir uma nova concepção espacial do mundo. O tradutor da edição alemã, Michael Herr,<sup>11</sup> dá forma a esta concepção no seu título:

"O novo mundo, as terras e ilhas até agora desconhecidas por todos os escritores antigos do mundo, há pouco tempo, todavia, descobertas pelos portugueses e espanhóis no mar de baixo. Juntamente com usos e costumes dos povos habitantes. Também o que descobriram de produtos e mercadorias entre eles, trazendo-os para a nossa terra. Aqui encontra-se também a origem e a nossa antiga tradição dos povos poderosos e

7. Veja-se Max Böhme, *Die großen Reisesammlungen des 16. Jahrhunderts und ihre Bedeutung*, Amsterdão, 1968, em especial, pp. 49-60, em que se anota que Simon Grynaeus teria sido ajudado por Hervagio e J. Huttich na elaboração desta obra. Henry Harrisse, *Biblioteca Americana, A description of works relating to America published between the years 1492 and 1551*, Nova York, 1967 adianta, por sua vez, que Simon Grynaeus só teria redigido o prólogo desta mesma obra, pelo que alguns autores baseados neste facto a mencionem como a "Collectio Huttichio-Grynaeo-Hervagiano. Sobre esta colecção, veja-se também Michel Korinman, Simon Grynaeus et le "Novus Orbis": Les Puvoirs d'une Collection, In: Jean Céard e Jean-Claude Margolin (Ed.), *Voyager à la Renaissance*, Paris, 1987, pp. 419-431.

8. A obra de Ludovico Varthema seria editada pela primeira vez, em Roma, no ano de 1510. Ludovico Varthema viajara entre os anos 1503-1507 pela Síria, Arábia, Pérsia e Índia, tendo reunido várias informações, que então viriam a público. No ano 1515 seria traduzida e publicada na Alemanha sob o título *Die ritterlich und lobwirdig rays des gestrengen und über all anderweyt erfahren ritters und Landfarers herren Ludovico Vartomans...*

9. "[...] gwaltigsten völker der altbekanten welt".

10. Esta carta já tinha sido publicada no ano de 1521: *Epistula invictissimi regis portugaliae ad Leonem*.

11. O autor, Michael Herr, para além de ser médico, comunga igualmente de uma dedicação pelos autores clássicos, tendo publicado traduções das obras de Plutarco e de Seneca. Seria ainda o tradutor da relação de viagem de Ludovico Vartema. Note-se o facto de se encontrar mais uma vez um médico como tradutor. Com efeito, a medicina contemporânea era essencialmente uma ocupação com os textos clássicos, revelando-se, deste modo, importante a sua função interpretativa e linguística.

príncipes do mundo antigo conhecido, assim, como os Tártaros, Moscovitas, Russos, Prussianos, Húngaros, Eslavos, etc."<sup>12</sup>

No prólogo, Simon Grynaeus defende a opinião de que seria imprescindível estudar todas as regiões do mundo e todos os povos recém-descobertos se se pretendia alcançar um maior e mais profundo conhecimento da humanidade; o contacto e a confrontação com outros costumes, outros credos oferecia, a seu ver, valiosos pontos de análise e comparação, deveras, indispensáveis ao conhecimento dos povos europeus e à concepção humana em geral.

O livro de Simon Grynaeus, publicado uma só vez em alemão, conheceria várias edições em latim<sup>13</sup> e ainda uma versão holandesa, no ano de 1563.

Cotejando a edição italiana e as alemãs respectivamente de 1508 e 1534, verificamos algumas divergências que convém salientar. Vejamos. Se já na edição de 1508 se poderiam assinalar algumas alterações em relação à edição italiana no que respeita aos títulos dos respectivos capítulos, sendo estes como que um pequeno resumo do capítulo afim, e embora não se pretenda efectuar uma análise exaustiva dos métodos e qualidades das traduções, o certo é que urge assinalar uma frequente interferência do tradutor, neste caso Jobst Ruchamer. Assim, quando Luís de Cadamosto refere que no final da sua descrição do reino do Senegal: "Di altri animali non ne ho avuto informazione salvo de' sopradetti",<sup>14</sup> Ruchamer precisa, mencionando a inexistência de girafas ou outros animais selvagens, como se esta frase também tivesse saído da pena de Cadamosto.<sup>15</sup> Verifica-se uma necessidade, por parte do tradutor, de precisar a informação recorrendo a exemplos de animais conhecidos mas extraordinários e

---

12. Título em alemão: *Die New Welt, der Landschaften vnn Insulen, so bis hie her allen altweltbeschrybern vnbekannt, jungst aber von den Portugalesern vnn Hispaniern im nidergenglichen Meer herfunden. sambt den sitten vnn Gebreuchen der Inwonenden Völcker: auch was Gütter oder Waren man bey jnen funden, vnd jnn vnsere Landt brach hab. Do bey findt man auch hie den Vrsprung vnd alt herkommen der fürnemsten gwaltigsten Völcker der altbekanten Welt, als do seindt die Tartaren, Moscouiten, Reussen, Preussen, Hungern, Sschlafen, Etc.*

13. Edições latinas nos anos de 1537, 1555 e 1616. Nesta última edição seria reunido um outro texto português, o de Gaspar Barreiros, *Commentarij de Ophyra Regione*, Coimbra, 1561. Nesta obra G. Barreiros procura abordar a questão da localização de Ofir segundo as perspectivas de vários autores. Este texto tinha sido publicado pela primeira vez em Coimbra, no ano de 1561, fazendo parte da sua *Chorographia* e em 1600 em Antuérpia como texto isolado.

14. *Navegações de Luís de Cadamosto*, ed. Giuseppe C. Rossi, Lisboa, 1944, p. 52 (segundo a edição de Vicenza, 1507).

15. "Ich habe auch vernümen das dysem lendem kein Zyraffen/ vnd mancherley andere wilde Tiere". *Neue unbekante Landte...*, Nuremberga, 1508, Cap. xxix. (sem pág).

invulgares. Ao referenciar a girafa, Ruchamer chama a atenção para a busca incessante de animais exóticos característicos de terras longínquas e distantes. É visível ainda uma certa dificuldade em verter determinadas palavras ainda não correntes do quotidiano europeu.

No que tange à edição de 1534 deparamos de igual modo com uma interferência do tradutor. Apostando numa reprodução total do texto, o portador de novas realidades procura atribuir mesmo aos nomes regionais e geográficos uma designação alemã, retocando, muitas vezes, com informações. Assim, não se fala de "mohren", o mouro da Guiné, mas de "schwarzen mohren" de mouros negros, visto que o conceito poderia ser equívoco. Quando descreve a cidade de Tunes, acrescenta que é a capital da Barbaria em África e ao mencionar o rio Nilo comenta que Plínio se lhe referenciaria no quinto livro da sua História Natural.<sup>16</sup> Estes pequenos comentários denotam a tentativa de tornar o texto, a seu ver, mais compreensível, ou seja, autenticar conceitos consoante uma autoridade no intuito de os aproximar da realidade conhecida. Isto é: Luís de Cadamosto escreve o seu texto sem recorrer a qualquer autoridade, mas Michael Herr necessita de citar Plínio para comprovar as afirmações do nauta veneziano ao serviço do monarca português. Neste cotejo deparamos, pois, com duas atitudes epistemológicas: enquanto Luís de Cadamosto se baseia naquilo que ele próprio observou ou ouviu dizer, os tradutores alemães, tanto Jobst Ruchamer como Michael Herr, recorrem aos depoimentos da Antiguidade Clássica para confirmarem ou complementarizarem as notícias dos relatos de viagens. Se num caso o conhecimento se apoia na experiência pessoal, no outro é o saber heurístico fundado na análise e interpretação que determina o acto de conhecer.

No mesmo ano da tradução de Michael Herr (1534) viria a público o *Weltbuch* de Sebastian Franck, obra esta que, como o próprio título indica, visa formular uma descrição do mundo repartida por quatro capítulos, correspondentes precisamente aos quatro continentes. Nesta publicação, Sebastian Franck, que pretende realizar um compêndio dos conhecimentos contemporâneos, procede a mais uma edição da antologia da novidade.

E curiosamente será no capítulo em que aborda o continente americano que o autor inseriu os textos relativos às viagens dos Descobrimentos, onde assim poderemos reencontrar os nomes de Luís de Cadamosto, Pedro Álvares Cabral, Cristovão Colombo e Américo Vespúcio, em suma, a

---

16. "Inn Klein Africa, das ist ein hauptstatt der Barbarey"; Plinius hat auch davon geschreiben jm funfften büch seiner Natürlichen Historien" Simon Grynaeus, *Die New Welt*, Estrasburgo, 1534, Cap. XIII (sem pág.)

célebre antologia italiana. A publicação destes textos não é, per si, estranha, dado que já tinham sido impressos e eram conhecidos; singular é, sem dúvida, o facto de num capítulo sobre a América, aparecerem relatos referentes às costas africanas e ao Oriente.

O *Weltbuch* de Sebastian Franck será reeditado, sem qualquer alteração, em 1542 e 1567. As razões prementes para a publicação da antologia na Itália continuam a ser as mesmas ao longo do século XVI pelo que esta obra permanece, na Europa, como a visão de conjunto das viagens além-mar. Ela constituiria o primeiro registo da novidade dos Descobrimentos sem fronteiras espaciais ou temporais.<sup>17</sup>

O interesse editorial pela empresa descobridora não esmoreceria e, mais tarde, surgiram outras colecções de viagens igualmente desejosas em contribuírem para a divulgação dos feitos marítimos. Ao compilarem escritos representativos das descobertas além-mar, as colecções de viagens visavam manter aceso este interesse pelo mundo ultramarino e daí o empenho dos seus organizadores em obterem informações ilustrativas sobre estes novos mundos do mundo. Recordemos Valentim Fernandes, os *Paesi novamente ritrovati* e as suas versões em língua alemã, os volumes de Giovanni Battista Ramusio, Sigmund Feyerabend, Levinus Hulsius e da família Bry.

A colecção de Giovanni Battista Ramusio constitui um importante contributo no que respeita à grande quantidade de informações recolhidas, bem como à organização do material. As *Navigazioni et Viaggi* surgem no ano de 1550 em Veneza, mais precisamente o seu primeiro volume, seguindo-se em 1556 o terceiro,<sup>18</sup> enquanto o segundo só apareceria em 1559. O quarto volume nunca viria a ser editado.<sup>19</sup>

No primeiro volume, Giovanni B. Ramusio colige as grandes notícias referente à circum-navegação de África, à chegada dos portugueses à Índia e ao descobrimento da América. No segundo volume este atento letrado torna conhecidas outras descrições portuguesas,<sup>20</sup> como é o caso

---

17. Após a primeira edição em Vicenza, 1507, seguem-se outras edições na Itália (1508, 1512, 1517, 1519, 1521) na Alemanha (1508, 1534, 1542, 1567) na França (1515, 1516, 1521, 1528, 1529) e em latim nos anos de 1508, 1532, 1537, 1555 e 1616 (esta última com grandes alterações).

18. Volume que Joachim Heller utilizou para traduzir o texto de Francisco Álvares e Andrea Corsali.

19. Veja-se G. B. Ramusio, *Navigazioni et Viaggi*, ed. Marica Milanese, 6 vols, Torino, 1978-1980.

20. Ramusio estabeleceria vários contactos, a fim de recolher o máximo de material existente sobre as viagens marítimas. O seu interesse pela relação de Francisco Álvares leva-o a dirigir-se a Damião de Góis, na Holanda, pedindo-lhe um exemplar. Este envia-lhe, de facto, uma cópia do seu texto, mas pouco depois seria editada a obra de Francisco Álvares em Portugal



de *Il libro delle Indie orientali di Duarte Barbosa*, de *Il sommario di Regni, città popoli orientali di Tomè Pires*<sup>21</sup> e de alguns capítulos de João de Barros *Sei capitoli dell Asia di João de Barros*, cuja obra já tinha sido publicada em Lisboa, no ano de 1552, bem como os escritos de Francisco Álvares e de Andrea Corsali. Os textos de Duarte Barbosa e de Tomé Pires impressos pela primeira vez nesta obra revelam valiosas informações sobre a costa oriental africana e a Índia, sendo Duarte Barbosa o primeiro português a escrever sobre Sofala e o reino do Monomotapa.

Logo, no prólogo, Giovanni Battista Ramusio tece um rasgado e caloroso elogio ao cronista João de Barros pelo valioso material recolhido e apresentado nas suas obras, salientando, em especial, o enorme valor documental dos aspectos geográficos tão destacados e desenvolvidos por este historiador português, questão esta fulcral na selecção que Giovanni Battista Ramusio fez da *Ásia*. O erudito italiano iria, assim, privilegiar alguns textos relativos à costa ocidental africana e *hinterland*, à situação geográfica da Índia e da costa oriental africana, um capítulo sobre o continente asiático, onde aborda em pormenor o reino da China, e termina esta selecção com Sofala e o reino do Monomotapa.<sup>22</sup> O terceiro volume aborda a Índia ocidental segundo textos de Ferdinando Oviedo, Fernando Cortés e Jacques Cartier.

A obra de Giovanni Battista Ramusio apresenta, de facto, no seu plano algo de novo. O material não é, pois, organizado segundo as etapas da empresa marítima, como acontece nos *Paesi novamente ritrovati*, nem pretende ser uma tentativa de descrever o mundo numa estreita articulação entre o mundo antigo e o novo, como em Simon Grynaeus. É, na verdade, a ideia da homogeneidade do mundo e de preencher as zonas pouco conhecidas que coordena a ordenação de material.<sup>23</sup>

---

(1540), que Ramusio encomendaria igualmente, trabalhando, desta forma, com os dois exemplares. As iniciativas levadas a cabo para reunir o material respeitante à viagem de Francisco Álvares seriam por ele próprio registadas no seu prólogo, também traduzido por Joachim Heller.

21. As relações de Duarte Barbosa e de Tomé Pires seriam publicadas em Portugal somente no século XIX e XX, respectivamente.

22. As suas descrições geográficas precisas sobre o continente africano, em especial sobre Monomotapa e Sofala, viriam a ter grande influência na cartografia. Veja-se Avelino da Teixeira Mota, *A Cartografia Antiga da África Central e a Travessia entre Angola e Moçambique (1500-1860)*, Lourenço Marques, 1964, pp. 25-28.

23. Veja-se a introdução da edição de Marica Milanesi, op. cit., e ainda da mesma autora, "Giovanni Battista Ramusios Sammlung von Reiseberichten des Entdeckungszeitalters 'Delle Navigazioni e Viaggi' (1550-1559) neu betrachtet", In: *Reiseberichte als Quellen europäischer Kulturgeschichte*, ed. Antoni Maçzak e Hans Jürgen Teuteberg, Wolfenbüttel, 1982, pp. 33-44.

Apesar do significado que lhe é atribuída, a obra de Giovanni Battista Ramusio nunca foi vertida para o alemão, existindo apenas traduções isoladas de alguns dos textos, como é o caso do relato de Francisco Álvares, bastante utilizado e conhecido pelos eruditos alemães, o que nos leva a supor que a colecção ramusiana seria igualmente uma referência na Alemanha.

Importa ainda realçar o nome de Sigmund Feyerabend, um importante livreiro germânico dos meados do século XVI que, no vasto número de obras editadas, deu à estampa, com muito entusiasmo, algumas colecções de viagens. Não será assim de estranhar que Feyerabend se preocupe em dar lugar às informações de terras recém-descobertas, trazendo a lume, para além do já conhecido *Weltbuch* de Sebastian Franck, os quatro primeiros livros da *História do descobrimento e conquista da Índia* de Fernão Lopes de Castanheda e as relações sobre a América de Ulrich Schmidel e Hans Staden. Feyerabend não só dá a conhecer as viagens de descobrimento do caminho marítimo para as Índias Orientais e Ocidentais, como ainda com a publicação da obra de Sebastian Franck, apresenta um valioso compêndio enciclopédico. As viagens à Terra Santa constituem, de igual modo, um dos géneros literários da sua preferência pelo que organiza o *Reyßbuch*, onde pretende chamar a atenção para um outro de tipo de viagens, também elas informadoras do espaço terrestre habitado. Na publicação destas duas colecções ressalta o ensejo de divulgar novos conhecimentos e, mais, estas obras são a expressão máxima de um intelectual que orgulhosamente olha o mundo nas suas novas dimensões e se regozija com os feitos dos homens seus coevos.

No prólogo de uma das suas obras,<sup>24</sup> Sigmund Feyrabend afirma peremptoriamente que os relatos de viagens seriam um valioso documento histórico, onde aparecem, mais e melhor do que em muitas outras obras, os factos históricos, sendo, por isso, fundamentais para o conhecimento humano. Salientando o assaz contributo das viagens para o alargamento geográfico e cultural do mundo, Feyerabend elabora um discurso de apreço e louvor aos mareantes e à navegação europeia. E refere empenhadamente os relatos de viagens como únicas compilações informativas, inestimáveis fontes documentais do presente. Consciente da importância da empresa marítima que, sublinha sem descanso, exalta a glória e a bem-aventurança de ter sido agora "nos nossos tempos" que se deu tão afortunada abertura do mundo.

---

24. Sigmund Feyerabend, *General Croniken* (com a relação de Francisco Álvares) Frankfurt/M. 1576.

Não poderemos ainda deixar de referenciar a actividade editorial da família Bry,<sup>25</sup> que trouxe a público uma preciosa colecção sobre o que consideraram as grandes viagens para o Ocidente e para o Oriente - objectivo que se reflecte na organização da obra. Lado a lado textos de portugueses, holandeses, alemães e ingleses deveriam dar uma imagem do Ocidente e do Oriente que conheceram e descreveram.<sup>26</sup> Jan Huygen van Linschoten, Pieter Marees (Arthus von Dantzig), Samuel Braun, Duarte Lopes, Jean Léry, Girolamo Benzoni, Ulrich Schmidel e Hans Staden são alguns dos nomes editados nesta colectânea.

Entendida como uma obra de carácter didáctico, esta colecção, ricamente ilustrada, iria contribuir decisivamente para a imagem iconográfica das regiões recém-descobertas. Ao dar forma às palavras, a família Bry influenciaria as leituras; o facto de as suas gravuras serem seleccionadas para ilustrarem outros livros deixa prever o enorme impacto destas fontes gráficas. Também neste debuxo é, principalmente, a novidade, o diferente e o pitoresco de muitas das histórias que será posto em destaque.

A partir de meados do século XVI, estas obras procuram não só difundir informações verídicas e autênticas sobre o mundo ultramarino, mas também aliar a este aspecto uma componente de distração. Ao mencionar quais os critérios seguidos na selecção de textos, o compilador Levinus Hulsius<sup>27</sup> observa que escolheu "não só o mais necessário, mas também o mais divertido de ler", recomendando assim a sua obra a "Sua Excelência para divertimento".<sup>28</sup>

Em suma, a divulgação de notícias numa primeira visão de conjunto tornar-se-ia pouco a pouco insuficiente para responder à insatisfeita sede de saber dos leitores germânicos. Era urgente a necessidade de compilar mais material e, mais importante ainda, material especializado, em que se reflectissem pormenorizadamente certas temáticas ou dados fundamentais de determinadas áreas regionais. A partir de meados do século XVI já não era suficiente conhecer uma visão de conjunto das primeiras viagens dos

---

25. De origem belga, a família Bry viria a fixar-se por volta de 1570, em Frankfurt, onde Theodor von Bry se dedicaria à publicação, entre outras obras, das suas *Collectiones peregrinationem in Indiam orientalem et occidentalem*, edição esta que viria a ser continuada pelos seus dois filhos, mas em alemão. Sobre as ilustrações, veja-se o estudo de Bernadette Bucher, *La sauvage aus seins pendants*, Paris, 1977.

26. A parte oriental seria iniciada com a relação de Duarte Lopes e Filippo Pigafetta sobre o reino do Congo, *Wahrhaftige...*, Frankfurt a. M., 1597.

27. Levinus Hulsius, *Erste (-XXVI.) Schiffart*, Frankfurt/M., 1598-1663. Veja-se Max Böhme, op. cit., pp. 120-136.

28. "[...] nicht allein die nötigsten/ sondern auch die lustigsten zu lesen" e "E.G. zu Erlustigung". Hulsius, *Erste Schiffart*, Frankfurt/ M., 1606 (1ª edição 1598), prólogo.

Descobrimientos, pois tornava-se imperioso aprofundar os factos e tecer ilações científicas. Só assim se poderia iniciar uma inserção plausível nas disciplinas de geografia, história, religião, ciência e arte - trajecto este que iremos seguir de perto nos capítulos seguintes.